

## **CONFLITOS TERRITORIAIS E ESTRATÉGIAS DE LUTA PELA TERRA NA FRONTEIRA DO BRASIL COM O PARAGUAI**

Sebastião Henrique Silva Cruz <sup>1\*</sup>, Marcos Leandro Mondardo <sup>1</sup>

1. Universidade Federal da Grande Dourados;

\* Autor para contato: [sebastiaohenrique28@gmail.com](mailto:sebastiaohenrique28@gmail.com)

Em Mato Grosso do Sul, dos 61.737 índios que vivem no Mato Grosso do Sul, 12,7 mil estão fora de área demarcada e em situação vulnerável de conflito territorial por área rural. Dos 41.500 Guarani e Kaiowá do estado, aproximadamente 15 mil indígenas lutam pela recuperação de suas terras tradicionais. O objetivo desta pesquisa foi compreender as formas de luta pela terra na fronteira do Brasil com o Paraguai e a capacidade de resistência desses povos, frente aos conflitos e confrontos, retratados na mídia, especificamente, nos jornais locais. O levantamento de dados foi categorizado e organizado a partir da técnica de análise de conteúdo temática, no período de janeiro de 2019 até dezembro de 2020, dos jornais “O Progresso” de Dourados, “Correio do Estado” de Campo Grande e “Jornal Midiamax” de Campo Grande. Contabilizou-se 614 reportagens lidas, enumeradas e excluídas por repetição ou que não atendiam aos critérios da pesquisa. A busca pelas notícias nos jornais ocorreu com a combinação dos seguintes descritores: Guarani e Kaiowá, Índio, Indígena, Aldeia, Reserva e Fazendeiro. Assim, 213 notícias foram utilizadas na pesquisa. Pôde-se analisar que tais lutas sociais se desmembram em duas categorias: 1) Conflitos territoriais (luta pela terra e território, negligência, precariedade); e, 2) Conquistas (melhorias e investimentos nas aldeias, visibilidade da luta indígena, representatividade política), havendo uma discrepância entre as duas, pois a primeira (com 117 notícias) possui um número maior do que a segunda (com 96 notícias), o que demonstra a relevância das lutas sociais pela existência, terra e território. Os resultados apontaram que os conflitos territoriais estão localizados na porção centro-sul do Mato Grosso do Sul, e tendo eventos próximos da fronteira do Brasil com o Paraguai. Os atos de violência predominam no espaço rural, notadamente em três grandes espaços: em acampamentos às margens de rodovias, em fazendas e nas reservas indígenas. No entanto, foi possível verificar que esses conflitos

territoriais também deixam marcas no espaço urbano, sobretudo em cidades com maior presença de indígenas, tais como: Dourados, Caarapó, Amambai, Rio Brilhante, Antônio João e Paranhos. Nesse processo, identificamos que os povos Guarani e Kaiowá utilizaram as estratégias de luta pela terra como dinâmica de sobrevivência a fim de continuarem suas reivindicações em contextos como o de defesa da vida, dos direitos humanos e da defesa das mulheres contra os conflitos, confrontos e violências; em mobilizações e assembleias para melhorias nas aldeias, como a Assembleia das mulheres, *Kuñangue Aty Guasu*; e, por fim, no enfrentamento de espaços de negligência e precariedade pela falta de serviços de saúde, transporte e educação. Esta pesquisa permite afirmar que para os indígenas lutar pela terra é lutar pela vida: pelo território, água, saúde, educação e natureza. Para isso, os Guarani e Kaiowá constroem estratégias de luta pela terra em contextos de conflitos, confrontos e desreterritorializações. A resistência dos Guarani e Kaiowá na contemporaneidade é movida pela multiplicidade das lutas territoriais.

**Palavras-chave:** Guarani e Kaiowá, mídia, conflitos.

**Agradecimentos:** Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão de bolsa de iniciação científica para a autor.